



SÉRIE DARK VERSE
LIVRO DOIS

THE MYSTERIOUS...
THE COUNT OF MISSING GIRLS SHOOTS UP TO 25

O CEIFADOR

TOP
SEL
LER

R U N Y X

*Para os meus pais.
Por me protegerem sempre, por me darem força
e encorajarem os meus sonhos.
Não seria quem sou sem o vosso amor incondicional.
Amo-vos.*

NOTA DA AUTORA

Este é o segundo livro da série *Dark Verse* e começa exatamente onde o primeiro livro, *O Predador*, acabou. Se ainda não leram o primeiro livro, recomendo vivamente que o façam, para terem uma experiência de leitura completa.

Este livro contém cenas explícitas de violência e natureza sexual. Existem também alguns gatilhos sobre os quais tenho de vos avisar, para o caso de serem sensíveis aos assuntos tratados — ataques de pânico, assassinato, menções de violação e tortura, menções de escravidão.

Se algum destes assuntos vos deixa desconfortáveis, por favor, tenham cuidado. Se continuarem a ler o livro, espero que gostem da viagem. Obrigada.

PLAYLIST

*Esta playlist é para o Tristan e para a Morana,
tanto para o Livro 1 como para o Livro 2.*

«Devil Devil», Milck
«Carnival of Rust», Poets of the Fall
«Animals», Maroon 5
«Closer», Nine Inch Nails
«One Way or Another», Until the Ribbon Breaks
«Every Breath You Take», The Police
«Eyes on Fire», Blue Foundation
«A Little Death», The Neighbourhood
«Russian Roulette», Rihanna
«Between the Bars», Elliott Smith
«Toxic», Sofia Karlberg (*cover*)
«Hypnotic», Zella Day
«Carry You», Jeffrey James
«Bravado», Lorde
«Salted Wound», Sia
«Crazy in Love», Beyoncé (*versão de As Cinquenta Sombras de Grey*)
«Wicked Game», Ursine Vulpine *feat.* Annaca
«Bedroom Hymns», Florence + The Machine
«Cut», Plumb
«Fire Breather», Laurel
«Broken», Seether *feat.* Amy Lee
«Monster», Imagine Dragons
«Demons», Imagine Dragons

«Don't Let Me Go», RAIN
 «Help», Hurts
 «I Found», Amber Run
 «Making Love on the Mountain», The Woodlands
 «Lullaby», Nickelback
 «Touch Me», Rui Da Silva *feat.* Cassandra
 «Bleeding Love», Leona Lewis
 «My Heart is Open», Marron 5
 «Partition», Beyoncé
 «50 Shades», Boy Epic
 «Trust», Boy Epic
 «Dirty Mind», Boy Epic
 «Walk Through the Fire», Zayde Wolfe *feat.* Ruelle
 «You Belong to Me», Cat Pierce
 «My Love Will Never Die», Claire Wyndham
 «A Little Wicked», Valerie Broussard
 «You Should See Me in a Crown», Billie Eilish
 «Flesh», Simon Curtis
 «Dinner & Diatribes», Hozier
 «I'm a Wanted Man», Royal Deluxe
 «Dangerous Woman», Ariana Grande
 «Not Afraid Anymore», Halsey
 «Game of Survival», Ruelle
 «Shameless», Camilla Cabello
 «Craving You», Thomas Rhett
 «Madness», Ruelle
 «Blood and Muscle», Lissie
 «Fear and Loathing», Marina and the Diamonds
 «Black Magic Woman», VCTRY
 «I Can't Go On Without You», KALEO

*Amo-te como se amam certas coisas obscuras,
secretamente, entre a sombra e a alma.*

— Pablo Neruda

PRÓLOGO

O brilho cor de laranja do cigarro aceso era a única centelha de vida na noite escura e tempestuosa.

O homem atrás do volante olhou para o cemitério que ficava à esquerda, os seus olhos cor de avelã a seguirem os amantes que se beijavam entre os mortos. Mesmo não conseguindo ver a rapariga, escondida como estava atrás da figura alta do seu parceiro, sabia exatamente onde ela estava, tal como soubera todos estes anos.

Observou-os da escuridão do seu carro, a janela apenas ligeiramente aberta para que o fumo escapasse antes que acabasse por o sufocar. Não que temesse a morte, de todo. Só que ele tinha um propósito, um objetivo que há muito o motivava. Fora paciente na sua espera, dia após dia, semana após semana, ano após ano, dando um passo metafórico de cada vez em direção ao seu objetivo.

Inspirando longamente o fumo, sentiu-o infiltrar-se nas suas células e misturar-se com as cinzas da sua antiga vida. Esfregou o joelho de forma distraída, acariciando o fantasma de uma dor que o assombrava.

Por um breve instante, a luz do relâmpago iluminou tudo o que o rodeava. Se o Predador se tivesse virado, tê-lo-ia visto com facilidade. Mas aquele que era um dos melhores caçadores da máfia havia-se distraído com uma mulher. Era agora irracional, desleixado. Estava emocionalmente investido nela.

O homem viu-os separarem-se, viu-o baixar-se para pegar na arma caída e a dá-la à mulher. Observou, silencioso como as sombras, quando ela o seguiu para o veículo.

Abrindo completamente a janela, atirou o cigarro meio fumado para a estrada, sentindo as gotas a caírem-lhe no rosto com o entusiasmo de

um amante reconciliador, a beijarem-lhe a pele. Os seus olhos deslizaram para o anel prateado que lhe adornava o dedo anelar direito, a caveira esculpida até ao mais ínfimo detalhe. Era um presente que lhe havia sido oferecido há muitos anos. Em tempos, a caveira fora a sua joia da coroa. Agora, era o seu fantasma.

À medida que os anos iam passando, ponderava sobre a fina linha que separava a justiça da vingança. De que lado dessa linha ele acabaria estava dependente da rapariga. Usava o anel não pelas memórias das gargalhadas e da amizade, mas como uma lembrança de tudo o que perdera.

Estava na altura de o recuperar.

OUVIR ÀS ESCONDIDAS

A chuva caía com força, de forma consistente.

As gotas pingavam contra o para-brisas e logo morriam, chorando vidro abaixo, enquanto as explosões ocasionais de trovoada rasgavam o céu noturno.

Morana ainda estava do outro lado daquela janela, ainda a olhar para o aguaceiro, ainda afastada das gotas que tentavam penetrar as paredes invisíveis e atingi-la.

Contudo, desta vez, não estava intocada. Já fora abraçada por aquele tormento. Desta vez, estava encharcada e a tremer com a força da memória das gotas da chuva a acariciarem-lhe a pele por um momento que lhe tinha ficado congelado no coração.

Desta vez, como naquela noite no apartamento, não estava sozinha.

Desde que entrara no carro, ainda não virara o pescoço para o fitar.

Mas ele também não estava intocado. Momentos antes, Morana observara-o com fascínio enquanto ele entrava no carro em silêncio, depois de se afastar dela.

As nuvens tinham surgido. Os trovões tinham rasgado. Os ventos tinham chicoteado.

E ela ficara lá fora, exposta durante muito tempo, enquanto ele se refugiara atrás das suas paredes.

Mas não por completo.

Apesar de ter ligado a ignição, não fizera qualquer movimento para se afastar com o carro, esperando por Morana em silêncio enquanto ela se mantinha afastada e deixava os olhos demorarem-se no espaço onde fizera a sua própria escolha e o forçara a fazer a dele. As pegadas deles tinham sido apagadas pelo ataque da chuva, com lama e relva

a cobrir aquilo que fora um momento de viragem dentro dela. O dilúvio também lavara grande parte das manchas no corpo de Morana, os resquícios da explosão, e abriu o corte que tinha no bíceps. Isso preocupara-a ligeiramente, uma vez que evitara molhá-lo na noite passada e agora estava encharcado.

Mesmo enquanto ali esteve apenas a sentir e a contemplar a tensão do seu braço, nem por uma vez ele buzina, abriu a porta ou acelerou. Também não fizera nada que indicasse que esperava por ela. Ainda assim, ela sabia-o, mais que não fosse por ele ainda estar ali, uma presença silenciosa mas magnética que permanecia forçosamente na área deserta — uma vida senciente entre os mortos e a destruição à sua volta.

Em silêncio, oferecera-lhe um lugar por trás daquelas paredes que o abrigavam. De forma igualmente silenciosa, ela aceitara. Contornou a besta que era aquele carro e entrou para o lugar do passageiro. Ele limitou-se a sair do cemitério.

O ar quente que saía da ventoinha era agradável na sua pele húmida e fria, e Morana esticou as mãos nessa direção, deixando que o calor da circulação do ar se infiltrasse lentamente nos seus ossos. Pela primeira vez, permitiu que os seus olhos deambulasse livremente pelo interior do carro dele, e não ficou surpreendida ao deparar-se com os bancos de cabedal preto, agora ensopados devido às roupas deles. Era a sua primeira vez no carro dele, um lindo *BMW* preto do qual tinha alguma inveja, para ser honesta.

Abanando ligeiramente a cabeça, virou-se para o painel de instrumentos, vendo as palavras «Escolher Música» brilhar no ecrã. Aquilo fê-la erguer as sobrancelhas e questionar, por um segundo, que tipo de música ouviria ele, se é que ouvia música de todo. Será que o seu gosto musical se inclinaria mais para o *rock* ou para o *R&B*? Ou seria tão eclético como as preferências dela? Questões simples sobre ele, que nunca se permitira perguntar, passavam-lhe agora pela cabeça ao observar os objetos que os rodeavam.

Os seus olhos deambulantes e inquisitivos pararam abruptamente num pequeno pendente. Era muito delicado e feminino, pendurado numa corrente prateada que pendia do espelho no centro, uma pequena medalha a adorná-la.

Sem dar muito nas vistas, e deixando a curiosidade apoderar-se dela, semicerrou os olhos e tentou ver se a medalha tinha alguma inscrição.

Tinha.

Irmã bebê

Oh, Deus... era dela.

Luna.

Sentiu o coração apertar-se dolorosamente, todo o seu conhecimento recentemente adquirido fazendo-a recostar-se contra o descanso da cabeça, o olhar caindo sobre o homem silencioso ao seu lado.

Parecia relaxado no seu lugar, nenhuma das mãos a apertar o volante ou a manete de mudanças com força, a sua respiração suave e equilibrada. Exceto por um pequeno detalhe — ele olhava em frente com uma concentração tão devota que ela duvidava ser necessária para conduzir, evitando o olhar de Morana desde que lhe devolvera a arma.

Desde que a beijara até ela ficar sem fôlego.

Morana deixou que os seus olhos voltassem àquele simples e pequeno pendente, que balançava com o movimento do carro, e sentiu o seu peito doer. Aquela peça de joalheria a dançar livremente entre eles — a prata que tinha a marca da sua irmã bebê e que um dia lhe pertencera — dizia mais sobre ele do qualquer outra coisa poderia dizer. Tanta dor, tanta raiva, tantas cicatrizes...

E, juntamente com o peso no seu peito, veio outra epifania — o carro também era território dele. Se não fosse, aquele pendente não estaria ali pendurado, tão exposto, tão belo, tão vulnerável. A sua existência naquele carro dizia-lhe que era muito, muito privado.

E ela percebeu — tal como ele percebera naquela primeira noite de chuva, no apartamento, quando decretara que Morana ficaria em sua casa em vez de ir com Dante — que ele a deixara entrar no seu território. Outra vez. Mesmo depois de fazer uma escolha que ela nem sequer conseguia imaginar.

As consequências dessa escolha ainda se agarravam aos seus músculos, ainda se transportavam no seu sangue, ainda vibravam em cada célula do seu corpo. Ainda conseguia sentir o metal frio daquela arma contra os batimentos do seu coração. Ainda conseguia sentir a pressão daquela boca a pulsar contra os seus lábios inchados. Ainda conseguia sentir o deslizar daquela língua ao acariciar o interior da sua boca.

Um tremor percorreu-lhe o corpo — do frio ou das memórias, não sabia.

Perguntas rodopiavam-lhe na mente, palavras formavam-se na sua garganta e chegavam-lhe à ponta da língua, mas ela mordia-as,

recusando-se a quebrar o silêncio. Acabara de o encostar a um canto, e, conhecendo-o como conhecia, compreendia que ele não aceitaria bem ser forçado a falar, não até ter tempo de processar tudo.

Ou, pelo menos, era o que ela queria caso estivesse no seu lugar. Ainda estava incerta relativamente a ele e a onde estava a sua cabeça, mas estava viva e a tremer ao seu lado depois de lhe dar a oportunidade de a matar. E isso era o suficiente. Por agora.

O som do telemóvel dele a vibrar na consola quebrou o silêncio tenso.

Por reflexo, Morana olhou para o ecrã.

Chiara a chamar

As suas sobrancelhas franziram-se ligeiramente, antes que as pudesse controlar.

Chiara? Quem raio era Chiara? E porque é que ligaria a esta hora da noite?

Virando a cabeça para a janela de forma intencional, focou-se nas gotas de chuva que deslizavam pelo vidro e nos outros veículos que avançavam pela estrada praticamente deserta, ciente de que ele tinha rejeitado a chamada. Não sabia se o fizera porque estava a conduzir, porque estava na presença dela ou apenas porque não lhe apetecia atender.

Mas um pequeno nó no seu estômago desfez-se, preocupando-a apenas por existir. Esse nó nem sequer deveria existir. Não deveria ter havido nenhuma reação a mulheres com nomes bonitos a ligar-lhe no escuro da noite. Não tinha energia para aquilo. Era mau sinal.

Afastando os pensamentos que lhe enchiam a cabeça, escolheu estudar a enorme mão dele ao meter as mudanças com suavidade, de uma maneira que nunca tivera tempo ou inclinação para fazer. Observou o enorme relógio metálico em volta do seu pulso forte, com um mostrador azul-marinho, de aspeto caro, as veias que lhe corriam nas costas da mão, o escasso pelo que se curvava por baixo da sua manga, os longos e fortes dedos que sentira intimamente dentro de si. Contorcendo-se apenas ligeiramente, deixou o olhar viajar mais para baixo, voltando a observar a pele aberta nos nós dos seus dedos, a carne ainda inchada. Apesar de ele poder ter feito aqueles ferimentos na noite anterior, no chuveiro, as marcas pareciam novas.

Abriu a boca para lhe perguntar, mas viu os cantos dos lábios dele baixarem-se infinitesimalmente e calou-se.

Não era a altura para isto. Não era *de todo* a altura para isto.

Os quilómetros passaram a voar enquanto ele conduzia, manobrando o carro com habilidade pelo trânsito leve, e depois de longos, tensos minutos, Morana viu os portões familiares do complexo de apartamentos, o edifício que se erguia contra o céu tempestuoso, o mar como uma visão distante à esquerda da estrutura.

Os dois guardas junto ao portão, com armas presas à cintura, cumprimentaram-no respeitosamente, e ele conduziu pelo curto acesso até à garagem subterrânea. Luzes brancas iluminavam o espaço, brilhando no metal escuro dos veículos que ali dormiam. Morana olhou para todos os carros e, por momentos, perguntou-se quem mais viveria no edifício além dele e de Dante.

Antes que pudesse seguir essa linha de pensamento, ele manobrou o carro para o lugar ao lado da sua linda mota. Morana observou os seus componentes escuros e foi tomada por um desejo de andar nela de novo, vindo da preciosa memória da primeira vez que a montara, da primeira vez em que se sentira verdadeiramente livre.

O seu desejo quebrou-se quando ouviu a porta abrir e se virou para o ver sair do carro, batendo com a porta atrás de si, tudo antes que ela conseguisse sequer desapertar o cinto. Ficou com a ideia de que ele se queria afastar dela e, mais uma vez, apesar de isso a deixar um pouco zangada, entendia. Se estivesse no seu lugar, provavelmente tê-lo-ia abandonado no cemitério e fugido para o seu precioso espaço. Honestamente, esperava o mesmo dele.

E tal como no cemitério, apesar de ter chegado primeiro ao elevador privado, ele não subiu; esperou por ela, em silêncio. Morana apressou-se a abrir a porta e a fechá-la depois de sair, deixando a sua mão acariciar o assento da mota apenas uma vez, o ar frio da garagem fazendo a sua figura ensopada tremer ao encaminhar-se em passos largos para onde ele estava na caixa de metal, com o pé contra a porta para a impedir de se fechar.

Surpreendida com o gesto, ela entrou, enquanto ele recuava e carregava no botão que os levaria à *penthouse*. Viu as portas fecharem-se, e os espelhos refletiram as suas figuras encharcadas. Ela fitou a imagem que pintavam. Enquanto ele parecia arranjado, a sua figura alta e musculada envolta no fato ensopado e na gravata que pingava,

os abdominais evidentes contra a camisa branca colada ao peito, Morana tinha um ar quase cadavérico. As suas roupas estavam ligeiramente rasgadas da explosão, o seu top claro tinha agora um estranho tom de castanho, manchas de terra e lama a mancharem o tecido e, em certos sítios, até a sua pele. O cabelo estava sem brilho, embaraçado e a pingar, estando metade ainda apanhada e a outra solta. As bochechas eram a única parte do seu rosto com alguma cor, os seus olhos enormes e avermelhados.

O contraste entre ambos os reflexos naquele momento — a pele mais escura dele e a mais pálida dela; as roupas escuras e limpas dele e as claras e sujas dela; a figura alta e larga dele e a pequena e curvilínea dela; o poder que irradiava dele, mesmo numa condição desarranjada, num momento em que nem sequer a fitava, formigava contra a sua pele, fê-la sentir um arrepio a percorrer-lhe a coluna.

Mesmo que, até há alguns dias, o corpo dele contra o dela apenas a deixasse excitada — ainda que a um nível que ela nunca compreendera —, havia agora um frenesim caótico dentro de Morana. Fascínio e luxúria, compaixão e luxúria, raiva e luxúria, combinados numa mistura que sentia fermentar no seu estômago, sabendo que, apesar de agora não ser o momento, voltaria a tê-lo um dia — dessa vez tão nu como ela estaria, dessa vez com a sua pele contra a dela, o seu suor, o seu cheiro, as cicatrizes dele a roçarem nela enquanto Morana lhe deixava as suas próprias marcas.

Ele seria a sua ruína. E ela arruiná-lo-ia também.

Mas agora não era o momento.

Respirando fundo para se concentrar, para dar a ambos tempo para processarem o que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas, espreitou para onde ele estava, lembrando-se da primeira vez que entraram juntos naquele elevador. Ele manteve-se encostado à parede do fundo, apenas a alguns centímetros dela, entretido com o seu telemóvel e nem por uma vez erguendo o olhar para o dela. Era estranha, esta falta de contacto visual entre eles. E agora que lhe negava aqueles seus maravilhosos olhos azuis, Morana apercebeu-se do quanto contara com eles para o conseguir compreender.

Sabia que ele sabia que ela o observava. E, ainda assim, manteve o seu olhar no telemóvel.

Bufando, Morana começou a esfregar os braços para se aquecer, consciente da leve dor proveniente da sua ferida, quando as portas

finalmente se abriram, mostrando-lhe a majestosa vista da chuva e da cidade lá fora, aquelas janelas às quais se apegara, que faziam sempre com que a sua respiração ficasse presa por um segundo.

E depois, chegaram-lhe as vozes zangadas.

Uma alta, masculina. Uma suave, feminina.

Controlando a surpresa, não só por encontrar ali Amara, mas também por Dante não soar nada como o habitual, manteve-se onde estava e olhou para o homem silencioso ao seu lado, vendo-o finalmente largar o telemóvel e concentrar-se nas duas pessoas no interior da *penthouse*.

— Não tinhas o direito! — começou Dante, a sua voz mais alta do que Morana alguma vez ouvira, raiva transbordando de cada palavra. — Não tinhas o direito de contar esta história.

— Não podia ficar a vê-lo destruir-se a si próprio ou a ela! — retorquiu Amara, a sua voz ainda baixa e rouca, mas firme o suficiente para ser claro que estava a falar muito a sério. — Vi-o fazer isso durante anos e não aguento mais.

— Isto não te diz respeito, porra! — gritou Dante, e Morana encolheu-se. — Queres dizer a alguém como conseguiste essa cicatriz? Força. Diz a toda a gente. Mas não tens o direito de dizer a quem quer que seja como ele conseguiu a dele, Amara! Conte-te tudo em confiança e tu traíste isso. Traíste-o. Como. Raio. Pudeste. Fazê-lo?

— Estás a acusar-me de traição? Meus Deus, às vezes já nem te reconheço — sussurrou Amara, a raiva na sua voz a ferver, o seu tom completamente diferente do que fora há uma hora, quando falara deste mesmo homem. — Sim, eu contei a uma mulher inocente, que não teve qualquer culpa do que lhe aconteceu a ele, porque a vida dela estava em risco. Conte a verdade a uma mulher que o faz sentir tão vivo como nunca o vi antes. Se ao trair a vossa confiança ele tem a oportunidade de ter uma vida melhor do que a que tem tido, então trair-vos-ia mais uma centena de vezes! Ela merecia saber e ele merece uma hipótese!

— Não comeses com isso outra vez — disparou Dante. — É muito simples. Nós confiámos em ti e tu quebraste essa confiança. A história era dele para contar, e tê-la-ia contado se quisesse. Mas não contou.

— Porque tem medo de que as coisas mudem! — berrou ela, a sua voz suave em esforço. — E as coisas precisam de mudar, não entendes isso?

— Não desta maneira.

Fez-se silêncio por um segundo antes de Amara, num tom baixo, perguntar:

— Estás zangado porque eu o traí, ou porque te traí a ti?

Isso mesmo, miúda.

Silenciosamente, Morana aplaudiu a mulher que se tornara sua amiga, que pusera no lugar um homem aos gritos, apenas com a sua voz suave e lacerada. Foi preenchida por algo parecido com orgulho.

Antes que qualquer outra palavra pudesse ser proferida no apartamento, o grandalhão ao seu lado — que se imobilizara mais e mais a cada palavra — saiu do elevador e virou à direita, encaminhando-se para o sítio de onde vinham as vozes. Ela apressou-se a seguir atrás dele, mantendo alguns passos de distância, a morder o lábio para manter os seus pensamentos para si mesma.

Parou ao canto da sala, vendo tanto Dante como Amara petrificados no lugar, a meros centímetros um do outro, mas ambos fitando Tristan Caine com olhos arregalados. O olhar de Dante desviou-se para Morana por um momento, olhando-a de cima a baixo e demorando-se nos seus lábios por um longo segundo, fazendo-a perceber de repente o quanto estavam inchados. Ela não desviou os olhos dos dele, do seu belo rosto perturbado. Dante abanou a cabeça uma vez, antes de se afastar bruscamente em direção às janelas e observar o que se passava do outro lado.

Amara nem por um momento olhou para ela. Fitava diretamente o homem ao lado de Morana, as suas costas direitas e o queixo erguido, sem remorsos pelo que fizera. Sentiu o seu respeito pela mulher aumentar, porque ser alvo dos olhos penetrantes de Tristan Caine era intimidante como tudo.

Ergueu o olhar para ele, encontrando-o a fitar Amara de volta, o maxilar cerrado.

Ninguém disse uma palavra.

A tensão entre os dois parecia aumentar cada vez mais, tanto que, por um momento, Morana ainda ponderou interferir. Mas depois viu os lábios dele mexerem-se.

— Vai para casa, Amara.

A voz dele, aquela voz de whisky e pecado, falou pela primeira vez em horas, suave ao dirigir-se à bela mulher, uma ordem e um pedido misturados numa só frase.

Amara assentiu com a cabeça sem discutir ou oferecer explicações. Pegou na sua mala e passou por eles em direção ao elevador.

Parou junto ao painel e virou-se para olhar para Dante, que olhava pelas janelas, os escuros olhos verdes dela zangados.

— Para de ser um covarde, Dante — atirou suavemente na direção dele. — Está mais do que na altura.

Oh, não.

Com isso, entrou no elevador e fechou as portas atrás de si.

Muito bem.

Mas ainda não tinha acabado, parecia-lhe. Com as sobranceiras erguidas, Morana observou Dante cerrar os punhos antes de pegar num vaso da prateleira mais próxima e o atirar ao chão, partindo-o em pedaços brilhantes. Encolheu-se com a brusquidão do barulho, enquanto o lindo cristal se quebrava e os pedaços partidos se espalhavam pelo chão, e inspirou profundamente.

Estava demasiado cansada, demasiado assoberbada para testemunhar o que quer que incluísse qualquer tipo de emoção, pelo menos até de manhã. De certa forma, até estava grata a Tristan Caine por se ter mantido em silêncio e não ser o furacão poderoso que muitas vezes era. Por agora, precisava de relaxar para não se parecer com o vaso no chão — quebrado por uma força que não conseguia suportar.

Por isso, sabendo que seria melhor que se retirasse e deixasse ambos os homens a cismar na sua privacidade mútua, indo tratar da sua ferida, recuou.

Retirou-se para o quarto de hóspedes em passos silenciosos, abriu a porta e deslizou para o interior, consciente do silêncio absoluto no apartamento, sendo o único som vindo da torrente que batia contra as janelas de vidro. Soltando o fôlego que segurava desde que entrara no elevador, pôs o telemóvel a carregar, encaminhou-se para a casa de banho e abriu a água quente no chuveiro.

Sentando-se na borda da banheira, limpou a ferida que tinha no braço uma vez mais, silvando quando o ardor fez os seus já sensíveis olhos lacrimejar, e fechou-a com pensos de sutura. Depois, despidendo-se, atirou a roupa para um canto, sabendo que nunca mais voltaria a usá-la. Testou a água, fechou a porta, mergulhou um dedo na enorme banheira e entrou.

Era como um abraço da água mais quente em que já mergulhara.

O *melhor* abraço.

Gemendo perante a incrível sensação da água a acariciar os seus músculos doridos e a beijar os seus pequenos cortes, mergulhou

a cabeça uma vez antes de voltar a encostá-la aos azulejos atrás dela, mantendo os braços nas bordas ao seu lado e os olhos fechados.

Não se permitiu pensar no que quer que fosse — nem no seu carro, nem nos assassinatos que cometera a sangue-frio, nem no pai, nem na sua tentativa de a matar, nem no homem que fora à sua procura, nem na escolha que ambos tinham feito, e, *decididamente*, não pensou no beijo que ainda sentia nos seus lábios pesados. Não se deixou revivê-lo. Não reviveu a chuva, nem a arma, nem o homem. Não se deixou lembrar. Não lembrou as carícias suaves, nem a fome dura, nem a escolha silenciosa.

Limitou-se a ficar ali, a deixar que a água fosse a sua amante carinhosa, acalmando as suas dores, limpando-a, e relaxou completamente nos seus braços.

Pensar podia ficar para amanhã. Ignorou o fio que a mantinha inteira, ignorou a dor ao senti-lo puxar cada pensamento com força, ignorou tudo. Limitou-se a ficar ali.

Depois de longos, longos minutos, quando a água começou a ficar fria e a sua pele começou a enrugar, quando quase adormecera, embalada pela simplicidade de um bom banho depois de um dia difícil, conseguiu, de alguma forma, arrastar-se para fora da banheira, puxando a tampa do ralo. Os seus olhos ardiam e a exaustão e a falta de sono dos últimos dias estavam a apanhá-la. Tudo o que queria era meter-se naquela cama confortável, puxar os cobertores finos sobre a cabeça e dormir sem interrupções durante dez anos. No mínimo.

Suspirando, apagou as luzes da casa de banho e entrou no quarto ainda escuro, sem qualquer roupa no corpo. Não se importava porque, primeiro, estava exausta, e segundo, porque tinha quase a certeza de que Caine não ia entrar no quarto dela esta noite, não depois do quanto a evitara desde o que acontecera no cemitério.

Sem pensar em mais nada, subiu para a cama, aninhando-se na abundância de almofadas e deixando escapar um gemido ao sentir o conforto.

A vibração do seu telemóvel fê-la abrir um olho. Tinha voltado à vida.

Tirando-o da mesa de cabeceira e retirando-o do carregador, desbloqueou o ecrã e viu as notificações de quatro chamadas perdidas e três mensagens de Tristan Caine.

Pestanejando, o sono a desaparecer dos seus olhos, abriu as mensagens e viu a última que lhe enviara.

Morana Vitalio: Deviam ter. Afinal, acabei de fazer um carro explodir e matar dois homens a sangue-frio.

(Enviada às 16h33)

Tristan Caine: Onde estás?

(Recebida às 16h34)

Tristan Caine: Isto não é engraçado, Vitalio. Onde estás?

(Recebida às 17h)

Tristan Caine: Juro por Deus... ONDE RAIO ESTÁS TU?

(Recebida às 17h28)

E depois nada.

Sentiu os nervos apertarem-lhe a garganta, o seu estômago pesado com as emoções incômodas que tentava evitar. Fechou os olhos e voltou a pousar o telemóvel na mesa de cabeceira, virando-se de lado.

Já eram quase dez e meia da noite. O que significava que o vira no cemitério por volta das nove. O que é que ele tinha estado a fazer desde aquela última mensagem?

Não. Afastou-se desses pensamentos de forma deliberada, inspirando fundo para deixar o leve cheiro cítrico do amaciador dos lençóis encher-lhe as narinas, e disse a si mesma para se limitar a dormir. Na manhã seguinte, haveria tempo de sobra para pensar, para processar, para planejar. Por agora, independentemente do dia que tivera, estava viva e cansada, e o seu cérebro podia esperar umas horas.

Assentindo com a cabeça para si mesma, quase voltara a fechar os olhos quando as vozes vindas de fora do quarto penetraram a sua consciência. Frustrada, cobriu as orelhas com a almofada.

E depois baixou-a.

Os homens estavam a falar.

Puxando o lábio inferior com os dentes, estava a perguntar-se sobre o que estariam a conversar quando o silêncio no apartamento a ajudou e as vozes deles, apesar de não serem altas, lhe chegaram alto o suficiente para que conseguisse ouvir.

— O meu pai ligou quando estiveste fora — disse Dante.

Portanto, nada de perguntas sobre o estado emocional de nenhum deles. *Homens.*

O som dos cristais a baterem no plástico disse-lhe que um deles estava a limpar a confusão no chão.

— As coisas estão a agravar-se em casa, Tristan — declarou Dante, no tom calmo e controlado que viera a associar-lhe. — Estão mesmo a ficar piores. Precisamos de voltar.

Tristan Caine não respondeu durante um longo momento.

Depois, a sua voz deslizou pela pele nua dela.

— Sim, temos.

Por um segundo, Morana deixou-se levar pelo tom rouco dele, antes de as palavras lhe chegarem. Ia-se embora?

Aquele nó que tinha no estômago ficou mais apertado, um estranho tipo de pânico a preenchê-la, por alguma razão. Depois das últimas horas, das últimas semanas, depois de garantir que ela não fugiria quando quera, Tristan ia deixar a cidade? Deixá-la a ela? Mesmo depois de Morana fazer a aposta da sua vida?

O seu coração afundou-se.

Cerrando os cobertores nos punhos, tentou manter a cabeça calma e focou-se no que eles diziam.

— Vamos falar do enorme elefante na sala? — perguntou Dante.

— Não vejo nenhum. — Entediado. Indiferente. Ele.

Ouviu Dante suspirar. Tinha quase a certeza de que aquele suspiro tinha sido seu amigo durante muito tempo.

— O que é que foste fazer a casa daquele sacana esta noite? E sozinho, ainda por cima?

Aquele não era o elefante na sala que Morana imaginara. Mas de quem estavam eles a falar?

— Fui fazer-lhe uma visita — respondeu Tristan Caine.

As suas sobranceiras ergueram-se perante o tom desafiante.

Dante não desiludiu.

— Neste momento, as coisas para ti estão lixadas, Tristan. Para o caso de te teres esquecido, anda alguém atrás de ti...

— Há sempre alguém.

— ... e tu continuas a alimentar isso. Não precisamos que o Gabriel Vitalio venha para cima de nós com a sua arrogância, não enquanto aqui estivermos.

Um.

Dois.

Chocada.

Morana ergueu o olhar para o teto, completamente chocada. Ele visitara o pai dela? Na mansão dele? Sozinho? *Mas estava louco?!*

O seu cérebro forneceu-lhe a imagem das mãos de Tristan, aqueles nós dos dedos marcados e abertos que lhe tinham dito, mesmo enquanto ele a beijava, que fizera da noite de alguém um inferno. Morana desaparecera e ele fora a casa do pai dela sozinho e escapara? E agora tinha a pele dos nós dos dedos rasgada?

O. Que. É. Que. Ele. Tinha. Feito?

Respirando de forma pesada, o coração acelerado como um cavalo selvagem fora de controlo, não conseguia sequer começar a entender as implicações daquilo. Simplesmente não conseguia.

E, ainda assim, havia mais qualquer coisa. Uma novidade. Porque Morana caíra das escadas e Tristan Caine castigara o pai dela. Porque ela tinha desaparecido e ele entrara na toca do lobo para o deitar abaixo e escapara ileso. A novidade de se sentir assim, pela primeira vez na vida, humedeceu-lhe os olhos. Tendo estado sozinha durante toda a sua existência, com a consciência de que ninguém se esforçaria caso ela desaparecesse, o facto de este homem — o homem que a odiara durante vinte anos da sua vida — ter rasgado a pele fazia o seu coração contrair-se de uma maneira que nunca experienciara antes, de uma maneira que ainda não conseguia compreender. Só sentir.

Inspirando tremulamente, continuou à escuta, os nós dos dedos brancos devido à força com que apertava os lençóis.

— Então ainda bem que não vamos ficar aqui por muito mais tempo, não é?

Uma longa pausa.

— Isso inclui a Morana? — questionou Dante, tranquilamente.

O coração de Morana batia-lhe no peito, palpitando com uma força que se misturava com as emoções inexplicáveis dentro de si, enquanto esperava pela resposta dele para entender o que faria. Porque enquanto a ela lhe dera silêncio, também lhe dera ações. Precisava das suas ações agora.

Quando ele não disse nada por algum tempo, Dante voltou a suspirar, e o coração dela tropeçou.

— Tristan, ela é filha dele. Por mais que entenda porque é que tem ficado aqui, não podemos arrastar isto. O Vitalio pode retaliar. E isto pode acabar de forma feia. Sabes disso.

Mais silêncio.

— Não tens estado tão focado na ameaça como costumas, em eliminá-la. Não podemos sustentar uma guerra em grande escala, Tristan. Tens andado distraído...

— Não é culpa dela...

— Não é? — interrompeu-o.

Uma pausa.

Dante continuou.

— Olha, eu também não a quero debaixo do mesmo teto que aquele parvalhão, tal como tu. Temos uma casa segura para onde a podemos levar. Talvez conseguir-lhe passaportes falsos, tirá-la do país como fizemos com a Catarina e as miúdas. Eu fico para trás para garantir que tudo corre bem e que ela não é magoada e...

— Ela vem comigo.

Três palavras.

Suaves. Roucas. Irrefutáveis.

O fôlego que se prendera na sua garganta escapou de uma vez, o coração a bater com tanta força que se sentiu fraca. Levando a mão ao peito nu, sentiu as palpitações rápidas sob a mão e respirou fundo algumas vezes para se acalmar, enchendo-se de alívio e mais qualquer coisa.

Ela vem comigo.

Querida Morana ir? Deixar para trás a única casa que conhecia, a única cidade que conhecia, a única vida que conhecia? Sabia que podia discutir com ele sobre isso, mas será que queria?

Não.

Dante ficou em silêncio por um longo minuto, e Morana perguntou-se como estariam neste momento, se estavam fechados um ao outro, se se desafiavam com olhares firmes.

— O meu pai vai retaliar — avisou Dante no seu tom calmo.

Tristan Caine riu-se.

— Como se eu me importasse minimamente.

— Não é com uma retaliação contra ti que estou preocupado — esclareceu Dante. — É contra ela. Por fazer o que ele nunca conseguiu.

Que era o quê, exatamente?, perguntou-se Morana.

— Esquece, Dante — proferiu Tristan Caine, a sua voz uma lâmina perigosa. — Ele saberá exatamente em que pé estamos assim que aterramos. Prepara o avião para de manhã.

— Está pronto às oito — pediu Dante.

— Feito.

Muito bem.

Respirando fundo, ouviu o som suave do elevador, indicando que Dante o chamara.

— Já agora — começou Tristan —, a Chiara ligou.

Chiara Mancini. A chamada. Quem era ela?

— Porquê?

— Não atendi. Nem vou atender — respondeu Tristan Caine.

— Mas se ele faz com que ela...

— Trato disso antes de embarcarmos — respondeu Dante, e o elevador fez barulho de novo, anunciando a sua saída.

Quem raio era aquela mulher?

Morana virou-se para o lado, olhando pela pequena janela de vidro do seu quarto para ver a chuva, e maravilhou-se com quão drasticamente a sua vida mudara desde a última vez que estivera nesta mesma cama com uma chuva destas a cair lá fora. Na altura, contemplara saltar da janela, mesmo que hipoteticamente. Agora, não conseguia sequer imaginar abdicar de algo tão precioso dentro dela, algo que a fazia sentir tudo tão intensamente, algo pelo qual começara a lutar.

Vida.

Ela estava viva e nunca o sentira tão visceralmente como neste último dia. Absorveu os factos que aprendera sobre Tristan desde o cemitério: o pendente da irmã que tinha pendurado no carro mesmo passados vinte anos; e o facto de, por alguma razão, ter ido sozinho a casa do pai dela, espancado alguém e ainda assim escapado para contar a história, o que lhe dizia que era incrivelmente temido. Não conhecia muitos homens... Raios... Nenhum homem... que pudesse dizer ter entrado na casa do inimigo sozinho, lutado com alguém, e saído a respirar.

Um arrepio percorreu-lhe a coluna e ela fechou os olhos ao demorar-se sobre o mais recente facto: que ele estava disposto a levá-la consigo, para longe deste sítio que já nada tinha para lhe oferecer, para longe deste inferno, testando a raiva não só do pai dela, como a de Lorenzo Maroni; e que tinha a certeza de que ela não seria magoada. Sabia-o nos ossos, que não seria magoada. Porque, apesar de ele estar sempre a falar em matá-la, em retrospectiva, percebeu que Caine nunca reagira bem ao facto de Morana ser magoada, tanto quando ela fora ter com ele depois de o pai a deixar cair das escadas, como quando ele disparara contra o seu braço para a salvar. Ou quando pensara que ela estava morta e acariciara o seu amado carro.

O seu coração contraiu-se com a memória.

Antes que se pudesse deixar afogar, ouviu um sussurro suave quando o ar no quarto mudou.

A porta abriu-se.

Sentiu a surpresa preenchê-la quando um instinto, uma voz profundamente enraizada dentro de si, lhe disse para não mexer um músculo ou abrir os olhos, não se fosse ele embora sem fazer o que aqui viera fazer. O que é que tinha vindo fazer? Vê-la dormir, como já havia feito uma vez? Ou falar, algo que ela não achava que fosse plausível para já?

De subido, Morana ficou extremamente ciente dos seus braços expostos ao ar, dos seios que mal estavam tapados pelos cobertores, da perna nua até à anca que se esquecera de cobrir. Sentiu algo elétrico percorrer-lhe o corpo, os seus braços ficaram com pele de galinha e os dedos dos pés formigavam, fazendo calor subir-lhe perna nua acima. Os seus mamilos ficaram duros, um deles quase a espreitar por baixo dos cobertores.

Apesar disso, não se mexeu, não fez uma única coisa que a pudesse tapar, não fez um único movimento que indicasse que não estava profundamente adormecida. Regularizava a sua respiração por pura vontade, para que parecesse relaxada, mantendo o corpo deliberadamente frouxo.

Não sabia se ele ainda estava junto à porta, se entrara no quarto ou se se aproximara da cama. Não sabia se tinha uma melhor vista da sua perna ou do seu seio. Nem sequer sabia se o olhar pesado que sentia sobre si era real ou produto da sua imaginação. Contudo, aquilo que sabia era que ele já a tinha vindo ver dormir — durante quanto tempo e a que distância, Morana não sabia. Estava adormecida dessa vez. Desta, não estava, e queria ver o que ele faria, se revelaria algo mais sobre si quando achava que ninguém estava a ver.

Mantendo a respiração suave, o coração a bater-lhe no peito quando o estrondo de um trovão soou lá fora, Morana impediu-se de curvar os dedos contra as palmas das mãos, de morder o próprio lábio, de manter os tremores contidos. Os lábios dela pareciam estar em chamas, o peso do olhar de Tristan a descansar sobre eles, acariciando-os com os seus olhos, abrindo-os na sua mente. Podia ser tudo uma fantasia da parte dela, mas, de alguma forma, essa voz profundamente enraizada dentro de si disse-lhe que ele a observava, e esse mesmo instinto fazia com que quisesse arquear as costas lascivamente e deixar os cobertores caírem.

Não o fez.

Deixou os seus lábios sentirem-se queimados por aqueles olhos, sentiu aquela fome profundamente dentro de si, sentiu a memória da boca dele na sua.

Algo selvagem e ardente invadiu-lhe a barriga.

O coração dela batia com força, a pulsação fazendo-se sentir nos seus ouvidos. Crescia uma necessidade no seu centro, mesmo entre as suas pernas, fazendo com que a sua pele formigasse, o que a fazia sentir-se excessivamente quente por baixo dos cobertores, que queria afastar. Sentia o seu sangue ferver com êxtase, sem que ele lhe tivesse tocado com um dedo que fosse.

Mas, apesar de tudo isso, manteve-se imóvel — apesar do fogo que lhe percorria o corpo, apesar do nó no seu peito, apesar das emoções no seu coração. Manteve-se quieta e relaxada por fora, com a perfeição de uma máscara que usara ao longo dos anos.

Passaram-se alguns momentos.

Momentos longos e carregados.

Momentos rápidos e pecadores.

Com a facilidade da areia a escorregar por entre os dedos.

Com a dificuldade de um relógio parado.

Passaram-se alguns momentos.

Com batimentos cardíacos.

Com respirações.

E o ar mudou de novo.

Ele estava ali.

Com uma súbita claridade, soube que ele estava mesmo à sua frente.

Pelo que conseguia sentir, estava entre ela e a janela, o corpo de Morana virado para ele, o seu rosto a apenas alguns centímetros das coxas de Tristan. Consequia sentir a proximidade daquele olhar, a proximidade do seu calor, o cheiro almiscarado que o corpo dele emanava, aquele cheiro — intensificado pelas suas roupas molhadas — que era tão próprio dele.

A curva do estômago de Morana tremeu, escondida por baixo de camadas, o seu coração a bater com a antecipação que pairava entre eles, as mãos dela a ficarem suadas quando usou toda a sua força para se manter relaxada, para ver o que ele ia fazer.

Parte dela estava perturbada com quão profundamente ele a afetava, com a quantidade de poder que tinha sobre o seu corpo. Contudo,

a outra parte regozijava-se e exaltava-se nas sensações, em sentir-se viva, de uma forma que nunca achou ser capaz.

Não percebia isto. E, naquele momento, não queria perceber.

Manteve-se deitada, respirando suavemente.

Dentro.

Fora.

Dentro.

Fora.

Dentro...

Um dedo.

O dedo de Tristan, a deslizar pela ferida dela.

Não era um toque leve. Não era um toque, de todo. Apenas era.

Pairando mesmo por cima da sua pele, no precipício de um penhasco, mas sem realmente cair, um toque fantasma, quase hesitante, delineando os pensos como a carícia de uma borboleta da qual nunca se teria apercebido se não estivesse intensamente consciente de cada movimento dele.

O coração de Morana quase parou, a pele do seu braço crepitava, transpirava, tensionava.

O toque fantasma desapareceu, e ela estava prestes a abrir os olhos para o chamar de volta quando reapareceu sobre o seu maxilar, tão leve como o ar. Aquele dedo fantasma, que não chegava a tocar-lhe, afastou uma madeixa de cabelo, expondo toda a linha da garganta e do ombro nu ao seu olhar. Conseguia sentir a pulsação agitada na base do seu pescoço; uma gota de suor formava-se no seu lábio superior ao sentir aquele dedo pairar sobre a linha do seu maxilar, da mesma forma que a sua arma fizera horas antes.

A memória do metal sólido, insistente e frio, e a realidade do dedo leve e suave que mal sentia enviaram um raio de eletricidade diretamente para o seu centro. Todo o seu ser se esticava para aquele quase toque. Todo o seu corpo estava esfomeado por senti-lo na sua carne. O cérebro dela tropeçava lentamente, o controlo sobre as suas capacidades atordoado, os pulmões famintos por um fôlego que ela se recusava a tomar.

Só o instinto, aquela coisa inoportuna, lhe dizia que ele desapareceria se ela mostrasse qualquer indicação de estar consciente. E ela não queria isso. Ainda não.

Isto... isto estava... a *avivá-la*.

O dedo fantasma delineou a curva da sua orelha.

Os dedos dos pés de Morana quase se enrolaram.

Viajou pelo terreno da sua pele aquecida, passando-lhe de novo pela linha do maxilar, e ela tanto amaldiçoou como abençoou o facto de ele não lhe tocar, ou a sua pele tê-la-ia traído. Era como ouvir a mais privada e íntima das conversas às escondidas. Com o coração a palpar, quase demasiado depressa para que o conseguisse acompanhar, pressionou as coxas uma contra a outra para encontrar alguma âncora.

E, depois, o toque fantasma parou nos lábios dela.

Perdeu a sua frágil âncora.

Aqueles lábios sensíveis e inchados, que ainda tinham a marca da boca dele, tremeram.

Apenas infimamente, mas tremeram.

O seu coração parou.

Teria ele sentido?

Quieto.

Tudo dentro dela ficou quieto, como uma presa que cheirava o seu predador.

Tudo dentro dele ficou quieto, como um predador que cheirava a sua presa.

Mas quem fora o quê nos últimos minutos?

E tê-lo-ia sentido ele?

Teve a sua resposta numa fração de segundo.

O dedo desapareceu.

Ele foi-se embora tão silenciosamente como viera.

Ela ouviu o sussurro da porta. E depois fechou-se de novo.

Ela deixou-se ir.

Um enorme tremor percorreu-lhe o corpo, o seu peito subindo e descendo, ofegante como se tivesse corrido uma maratona, as suas mãos a tremerem quando afastou os cobertores de si, todo o seu corpo aceso numa chama que vinha de dentro e que não conseguia controlar.

Sentia-se devorada. Por dentro. Por fora.

E ele nem sequer lhe tinha *tocado*.

Voltando a enterrar a cabeça na almofada atrás de si, os mamilos doridos no ar frio, agarrou os seus seios com as mãos pequenas e apertou-os, arfando quando os mamilos endureceram ainda mais contra as palmas das suas mãos, enviando-lhe faíscas até às pontas dos dedos dos pés.

Ele nunca tocara nos seus seios. Mas, naquele momento roubado, imaginou as mãos dele, aquelas mãos grandes e ásperas, fortes contra a sua pele suave, hábeis nos seus mamilos. Imaginou os calos nos dedos de Caine a roçarem nos mamilos dela ao puxá-los, imaginou as suas mãos envolvendo-a por completo, sinuosamente, imaginou-o a apertar os seus seios um contra o outro enquanto ela fazia o mesmo com as suas próprias mãos, os seus lábios abrindo-se ao soltar pequenos arquejos.

E ela estava *ensopada*.

De uma forma que nunca, nunca estivera antes.

Absolutamente ensopada.

Um pequeno gemido escapou-lhe dos lábios ao enterrar o rosto na almofada ao seu lado, tão sensível que sabia que não precisaria de muito para se atirar do abismo do êxtase.

Deslizou um dedo para dentro de si com facilidade. Enfiou outro.

A fome nas suas paredes roía-a, descontrolando-a. Lembrava-se de como era senti-lo dentro dela — grande, pesado, poderoso. Lembrava-se de como ele perfurava as suas paredes, com foco, ferocidade e um fogo que a queimava. Lembrava-se de como cada investida acertava naquele ponto dentro dela, de como cada investida fazia a sua coluna arquear-se, de como cada investida de carne contra carne a deixava ainda mais molhada.

Arfando, esfregou o clítoris com o polegar, apenas uma vez.

E *explodiu*.

Gloriosamente.

As suas costas arquearam-se quando mordeu a almofada para abafar os gemidos. Todo o seu corpo se ergueu da cama por uma fração de segundo enquanto o fogo lhe percorria as veias e se enrolava no seu centro, irrompendo na mais maravilhosa das explosões, cegando-a por um segundo.

Era arrebatamento.

Era êxtase.

Era delírio.

Caiu de novo no colchão, ainda mais exausta, lânguida, sem força no corpo para mexer um único músculo, pequenos arrepios percorrendo-a de cima a baixo no rescaldo.

Deus, como é que isto tinha acontecido? Ele nem sequer lhe tocara, não fizera um som, e ainda assim ela ficara a pingar, de tão molhada que estava.

Assustava-a. Entusiasmava-a. Avivava-a.

Ele avivava-a.

Acalmando-se lentamente, o seu corpo mais relaxado, muito mais suscetível ao sono agora com a tensão libertada, virou-se e puxou os cobertores de novo, os seus olhos indo uma última vez para a janela, para ver a chuva.

E o seu coração parou.

Ele estava ali.

Na escuridão.

Encostado à parede ao lado da janela.

Mãos nos bolsos das calças.

Gravata desfeita, pendurada ao pescoço.

E aqueles magníficos olhos acesos nela.

Ele estava ali.

Estivera ali o tempo todo.

Com o coração preso na garganta, olhou para aquela chama pela primeira vez desde o cemitério e sentiu-se queimada, todo o seu corpo corando sob a intensidade assim que se apercebeu do que ele vira.

Caine tinha percebido que ela o estava a enganar antes, e enganara-a de volta.

Corando até às raízes do cabelo, susteve o olhar dele, os olhos de Morana descendo momentaneamente para o grande alto nas calças de Tristan, antes de voltarem aos seus olhos, o conhecimento de que o excitara quando tratara de si eletrificando-a, excitando algo imprudente dentro dela.

Sabia que ele não quebraria o silêncio, não esta noite.

Mas estava a observá-la de novo, apesar de tudo.

Isso levou um pequeno sorriso aos seus lábios.

Viu os olhos dele seguirem esse sorriso antes de se deitar de costas de novo e se aninhar nos cobertores, fechando os olhos de forma deliberada.

Sentiu os olhos dele em si durante longos minutos, mas, desta vez, o seu coração não bateu com mais força. Desta vez, o seu coração batia-lhe no peito, aninhado numa espécie de conforto que não conseguia entender, apenas sentir. Conseguira sobreviver ao dia e vira através de Caine, e ele sobrevivera ligeiramente ao seu passado e vira através de Morana. E isso, por uma qualquer razão bizarra, confortava-a.

Sentiu-o sair tão suavemente como entrara, desta vez deixando-a completamente sozinha no quarto, o conhecimento do seu interesse, do seu desejo, com ela.

Quase à beira do sono, Morana tentou desligar a mente e descansar tanto quanto podia. Porque ansiedade e antecipação cruzavam-se no seu estômago.

De manhã, seria o início de algo novo.

De manhã, a sua vida mudaria.

De manhã, iriam para Tenebrae.

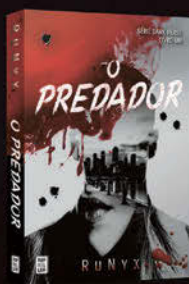
«Hão de morrer mil vezes antes de voltarem a tocar num único cabelo teu.»

Tristan Caine, o Predador, não estava preparado para Morana Vitalio. Depois de ter passado toda a vida ligado a uma jura que acabou por quebrar numa noite chuvosa, encontra-se agora dividido entre um passado doloroso e um futuro incerto. A única certeza que tem é a de que a vida dela ainda lhe pertence.

Para Morana, a linha que separa inimigos e aliados tornou-se mais ténue. Tudo aquilo que prezava desmoronou-se e deixou-a a lidar com o desconhecido, ao dar por si em território inimigo e com a vida em risco. A única certeza que tem é a de que a vida dele nunca deixou de lhe pertencer.

Com vinte anos de uma história sombria a ligá-los, Tristan e Morana iniciam juntos a busca pela verdade. E percebem que o mistério das meninas desaparecidas é apenas a ponta do icebergue.

Da mesma série:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-589-986-9



9 789895 899869